



## Argumentação, gênero e memes no discurso político

**João Paulo Martins de Almeida**

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil  
orcid.org/0000-0001-6306-7833

O presente artigo discute a língua(gem) sob o ponto de vista argumentativo-discursivo para tratar de questões de gênero, tendo como ponto de partida e contexto de fundo o discurso político brasileiro em um acontecimento relativo ao governo Bolsonaro. A partir da análise do gênero discursivo meme, vislumbra-se uma sequência discursiva cuja análise aponta que, se do ponto de vista textual a crítica ao governo reproduzida pelo meme é fundamentada, do ponto de vista discursivo, no entanto, verificam-se derivas de sentido, que tendem a mostrar uma identificação do sujeito crítico com o próprio objeto de sua crítica. Argumenta-se, deste modo, que os sujeitos, na ilusão de que são a fonte de sentido, esquecendo-se que são já constituídos pelo interdiscurso (o que significa dizer que são já-interpelados pela ideologia), constroem seus enunciados argumentativos para reforçar ou refutar determinado projeto político sem controlar completamente seus dizeres, dado que a formação discursiva, assim como a língua(gem) que também a constitui, não é transparente.

**Palavras-chave:** Argumentação. Análise do Discurso. Gênero. Discurso político.

### Argumentación, género y memes en el discurso político

Este artículo aborda el lenguaje desde un punto de vista argumentativo-discursivo para tratar cuestiones de género, teniendo como punto de partida y trasfondo el discurso político brasileño en un acontecimiento relativo al gobierno Bolsonaro. A partir del análisis del género textual meme, se vislumbra una secuencia discursiva cuya análisis apunta que, si desde un punto de vista textual la crítica al gobierno que reproduce el meme está bien fundada, desde el punto de vista discursivo, sin embargo, existen derivaciones de sentido, que tienden a mostrar una identificación del sujeto crítico con el objeto mismo de su crítica. Se argumenta, por tanto, que los sujetos, en la ilusión de que son la fuente del sentido, olvidándose de que ya son constituídos por el interdiscurso (lo que significa decir que son interpelados por la ideología), construyen sus enunciados argumentativos para reforzar o refutar u determinado proyecto político sin controlar por completo sus dichos, dado que la formación discursiva, así como la(el) lengua(je) que también la constituye, no es del todo transparente.

**Palabras clave:** Argumentación. Análisis del discurso. Género. Discurso político.

### Argumentation, gender and memes in political discourse

This article discusses language from an argumentative-discursive point of view to deal with gender issues, having the Brazilian political discourse related to an event in the Bolsonaro administration as its starting point and background. From the analysis of the discursive genre meme, it is studied a discursive sequence whose analysis points out that, if the criticism of the government that such a sequence reproduces is well-grounded from a textual point of view, from a discursive one, however, generates derivatives in meaning, which tend to show an identification of the critical subject with the very object of his/her criticism. It is argued, thus, that subjects, in the illusion of being the source of meaning, having forgotten they are already constituted by the interdiscourse (which means they are already summoned by ideology), build their argumentative statements to either reinforce or refute a given political project but do not completely control their discourse, given that discursive formations, as language itself, are not entirely transparent.

**Keywords:** Argumentation. Discourse Analysis. Gender. Political discourse.

## Introdução

Brasília, 10 de agosto de 2021. O Presidente da República, com a anuência de seus chefes militares, põe tanques de guerra nas ruas da capital federal, numa encenação de golpe de Estado e numa tentativa de demonstração de força. Um “recado” ao Congresso Nacional que, na mesma data, votaria matéria que contrariava o interesse do mandatário. Neste ato performático, observa-se a hipérbole do papel masculino numa sociedade machista como a brasileira: a *performance*<sup>1</sup> mambembe do maquinário de guerra defasado é, ela mesma, a metáfora para se reassumir uma (pretensa) superioridade masculina, ainda que obsoleta.

Figura 1 - Acontecimento de 10 de agosto de 2021.



Fonte: Folha de S. Paulo.

Assim como o velho tanque a soltar fumaça, o homem que o controla tenta reafirmar o seu papel social: um é índice da beligerância e da força; o outro, o de que detém o poder de mando, cabendo-lhe decidir, ainda que de forma peremptória e intempestiva, os ditames de tudo e de todos. Pouco importam seus atributos para a tomada de decisões: seja ele ignorante, despreparado, abjeto ou violento, é, ainda assim, homem. Ao assumir-se pública e orgulhosamente como tal, com todos os seus adjetivos apensos, e ao desfilar seus brinquedos de guerra, associados à identidade masculina e naturalizados como sendo “de menino”, é como se reiterasse que, nas relações de poder desta sociedade, detém-no aquele que é identificado como *homem*, ou, mais especificamente, como *este tipo de homem*.

---

<sup>1</sup> Bucholtz e Hall (2004, p. 380-381) entendem “a performance como uma exibição social altamente deliberada e autoconsciente”, frequentemente envolvendo “a estilização, o destaque e o exagero de associações ideológicas”. É nesse sentido que entendemos que o ato presidencial é uma *performance*.

Apesar dos caracteres acima elencados, o fato de que o homem que se acaba de descrever ser socialmente aceito, naturalizado e compreendido como “autêntico”, cujo poder de fato lhe foi conferido não por ato de guerra, mas pelo voto popular, diz-nos mais sobre o funcionamento dos papéis de gênero na sociedade brasileira do que necessariamente sobre a figura que por ora ocupa o Planalto. E, se falamos de identidade neste trabalho (focalizando, em especial, a identidade masculina e seu *status* hegemônico na sociedade), também o fazemos por observarmos que questões de representação identitária vêm pautando a discussão na representação política, talvez mais do que a estrutura de poder econômico e de gestão burocrática que usualmente constituíam os discursos a respeito do Estado.

Em vez de falarmos de saúde e educação públicas, por exemplo, o debate envereda para o papel das feministas em “defeminilizar” a mulher, ou dos homossexuais em “desvirtuarem” crianças nas escolas, “corrompendo-as”, por meio de falsos “kits gays” que “doutrinariam” as alunas e os alunos. Os papéis identitários tradicionais – meninos que vestem azul e meninas que vestem rosa<sup>2</sup>, como dito por ministra de Estado<sup>3</sup> – são mobilizados para reforçar preconceitos e estereótipos de gênero e de identidade, inclusive para assegurar o poder político máximo da nação.

A partir do ritual performático acima descrito, as/os usuárias/os da internet não deixaram de recorrer ao humor para registrar o fato. Observa-se uma proliferação de memes que ridicularizam o acontecimento de 10 de agosto de 2021, mobilizando a ironia para satirizar o presidente, seu governo e o *espetáculo*<sup>4</sup> que se

---

<sup>2</sup> Esta formulação linguística sobre cores e gênero reflete uma visão de mundo em que os papéis de homens e mulheres são dados *a priori* e de maneira dicotômica, como dizem Eckert e McConnell-Ginet (2003, p. 16): “A dicotomia entre homem e mulher é a base na qual construímos indivíduos desde o nascimento. Estes atos linguísticos [como nomear uma bebê como “Mary”] definem a vida de um bebê, lançando-o a um gradual processo em que se aprende a ser um menino ou uma menina, um homem ou uma mulher, além de ver todos os outros como meninos ou meninas, homens ou mulheres. [...] As cores são tão integrais na nossa maneira de pensarmos gênero que as atribuições de gênero têm se difundido na nossa percepção das cores, de forma que as pessoas tendem a acreditar que rosa é uma cor mais ‘delicada’ que azul. Este é um excelente exemplo da naturalização do que de fato é um signo arbitrário”.

<sup>3</sup> O dizer da ex-ministra Damare Alves, da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, foi registrado quando da posse do novo grupo político no Planalto, em 2 de janeiro de 2019. A fala da ex-ministra em sua integralidade é a que segue: “Atenção, atenção. É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa!”. O vídeo que mostra esse momento está disponível na matéria da *Folha de S. Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damare.shtml>.

<sup>4</sup> Como compreendido por Debord (1997, p. 13), a *sociedade do espetáculo* é aquela que corresponde à visão de que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos”. O *espetáculo* pode ser compreendido, pois, como a utilização dos recursos audiovisuais numa sociedade como a capitalista em que se tem uma falsa representação da realidade; seria ele a “inversão concreta da vida” (*idem*), com o objetivo de controle ideológico dos indivíduos, “presos” às imagens que

viu em frente ao Palácio do Planalto. Assim, este artigo se volta à análise de um dos memes que buscou ressignificar este evento, observando-o em seu funcionamento satírico e no acionamento dos já-ditos, localizados na memória do dizer, que ratificam o papel do masculino numa sociedade profundamente patriarcal como a brasileira.

Para que se possa proceder à análise da questão aqui exposta pelo funcionamento do gênero discursivo *meme*, pois, é preciso situar, na primeira parte do trabalho, o papel da *ideologia*, o da *lingua(gem)*, o da *argumentação* e o do *discurso*, uma vez que tais conceitos constituem as bases para a compreensão do problema. Deste modo, a primeira parte do trabalho discute como a Análise do Discurso compreende a maneira pela qual os processos linguístico-discursivos de *identificação* e *contraidentificação* que acontecem pela via das *formações discursiva* e *ideológica*, como descritos por Pêcheux (2014) a partir da leitura de Althusser (2007), estão, a todo momento, interpelando o indivíduo a assumir posições-sujeito, a identificar-se ou contraidentificar-se com determinados dizeres, que representam visões e práticas de mundo, ou seja, *ideologias*, materializadas sob forma linguístico-discursiva.

A segunda seção deste artigo busca fundamentar teoricamente nosso gesto de interpretação analítica ao nos filiar aos visões de Orlandi (1998) sobre discurso e argumentação e à de Zoppi-Fontana (2018) sobre uma nova forma de argumentar nas redes sociais, por ela chamada de *argumentar*. De posse desse dispositivo teórico, passa-se à terceira parte, em que se analisa o acontecimento de 10 de agosto de 2021, então ressignificado a partir do gênero discursivo *meme*. Deste modo, mobiliza-se um dispositivo analítico que busca compreender os processos de identificação e/ou contraidentificação de sujeitos que se posicionam contrariamente ao discurso político hegemônico, analisando-se, ademais, se tais posições são convergentes com elementos de saber da própria *formação discursiva* que visam criticar.

## 1 A função social da ideologia e o seu papel na argumentação

A ideologia não se apresenta com facilidade, não se apreende de maneira transparente. Bucholtz e Hall (2004, p. 380) apontam para o fato de que a ideologia “permanece nas sombras”, como que inacessível ou invisível, embora constitutiva

---

se lhes apresentam como deformação do real. O *espetáculo* é definido, desta forma, “não como um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14).

de processos semióticos como a indexicalidade<sup>5</sup>. É a ideologia que organiza e permite a existência de todos os tipos de práticas e crenças culturais, assim como das relações de poder daí resultantes. Ao se falar da ideologia em processos linguísticos, há uma preocupação em tratar a língua(gem) como um fenômeno social amplo, que reflete e refrata a ideologia e a questão do poder na sociedade.

Nesta esteira de raciocínio, a língua(gem) é compreendida como uma das materialidades significantes para a produção de sentidos, atravessados e constituídos pela ideologia, inscritos na memória do dizer, na interdiscursividade. Este é o ponto de vista da Análise do Discurso (AD), um campo do saber que compreende que os sentidos são produzidos no processo que envolve língua(gem), história e ideologia. Por este motivo, considera-se a formação discursiva o espaço de produção de sentidos.

Para a Análise do Discurso, assim como posto por Michel Pêcheux (2014, p. 146-147):

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

Percebe-se, assim, que a ideologia cumpre uma função social de estabelecer/nomear a ordem do mundo. Como não é acessível de imediato, ela ocorre por meio de *formações ideológicas* (FIs) específicas que, por fim, serão materializadas de forma significativa<sup>6</sup>, como em veículos imagéticos ou linguísticos, meios que usualmente compõem o gênero discursivo *meme*. Sobre as FIs, Pêcheux (2014, p. 132) afirma que:

---

<sup>5</sup> “*Indexicalidade* é o processo semiótico de justaposição em que uma entidade ou evento aponta para outro” (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 378). Desenvolvido a partir de Charles Peirce, o conceito é de que alguns signos, chamados de índices, funcionam por via de co-ocorrência repetida e não acidental. Exemplos clássicos apontados pelas autoras são o de nuvens escuras no céu (índice de chuva) e o de fumaça (índice de fogo). Em relação à língua(gem) e à identidade, um índice linguístico pode levar à compreensão da própria identidade da/o falante – a indexicalização servindo, portanto, à produção de ideologia através de práticas e compreensões de mundo.

<sup>6</sup> Aqui fazemos referência à noção de *materialidades significantes* assumida por Zoppi-Fontana (2018) a partir de Lagazzi (2012). Nesta interpretação, o significante não é mais compreendido como a imagem acústica do signo saussuriano, “mas como componente de uma cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual ...) fica exposta à produção de significações” (LAGAZZI, 2012, p. 1).

Em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* (referidas aos aparelhos ideológicos de Estado) que, ao mesmo tempo, possuem um “caráter regional” e comportam posições de classe: os “objetos” ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que “a maneira de se servir deles” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem –, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia.

Assim, conforme o ensinamento pêcheuxtiano, as formações ideológicas são as formas de concretização da ideologia, maneiras de interpretar (e agir) no mundo: “Pretendemos, ao adotar o termo aparelho ideológico de Estado, destacar vários aspectos que nos parecem decisivos (além de evocar, evidentemente, o fato de que as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas)” (PÊCHEUX, 2014, p. 130).

Usualmente operando em dicotomias, a ideologia tem a função de “marcar” a identidade dos indivíduos, ou melhor, mostrá-los em suas posições sociais, fazendo com que os indivíduos, uma vez tocados pelo fenômeno da interpelação ideológica (ALTHUSSER, 2007), assumam posições de sujeitos numa sociedade em permanente luta, que estabelece distinções de classes socioeconômicas, de raça, de orientação sexual, de gênero, de identidades que se assumem como semelhantes ou diferentes<sup>7</sup> ante as posições hegemônicas da sociedade. É papel da ideologia, pois, através de seu funcionamento pelos aparelhos ideológicos de Estado (que se manifestam na família, na escola, nas organizações sociais etc.), ordenar o mundo social, interpelando indivíduos em sujeitos e mostrando-lhes seu lugar no sistema econômico capitalista que nos organiza. Essa leitura corrobora com a afirmação de Pêcheux (2014, p. 146) de que

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

É preciso considerar a ideologia, então, como tendo a função de conduzir os homens e as mulheres em suas práticas no modo de produção capitalista, produzindo, destarte, mecanismos de sustentação que conservam as diferenças entre trabalhadores e capitalistas, homens e mulheres, heteronormativos e não heteronormativos, distinções que, em suma, são “necessárias ao funcionamento

---

<sup>7</sup> A esse respeito, Pêcheux (1990, p. 16) observa que, na contemporaneidade, “[...] as *ideologias dominadas*” – que, aqui, podem ser tomadas como aquelas representadas pelos *diferentes* – “se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* elas, e não como ‘um outro mundo’ anterior, exterior ou independente”. Continua o autor: “Desse ponto de vista, toda forma de discurso revolucionário supõe primeiramente que se faça retorno aos pontos de resistência e de revolta que se incubam sob a dominação ideológica” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

das relações sociais de produção [logo, de poder] na sociedade de classe [...]; a ideologia tem a função de ‘mostrar’ aos sujeitos da produção seu lugar no interior desta sociedade” (AMARAL, 2007, p. 25).

Como anunciado acima, a ideologia, representada por *formações ideológicas*, é materializada linguística e discursivamente nas *formações discursivas* (FDs). Pêcheux (2014) entende que as FDs estão intrinsecamente associadas à *formação ideológica*, tanto que desenvolve este conceito da seguinte maneira:

**Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que**, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, **determina o que pode e deve ser dito** (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição de um programa etc.). (PÊCHEUX, 2014, p. 147, grifos nossos).

Para o filósofo francês, a *formação discursiva* é tida como o lugar da constituição do sentido; a matriz mesma dos sentidos, já que o “recrutamento” ideológico ocorre pela via da FD:

[...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: [...] diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Pode-se concluir, logo, que as *formações ideológicas* são compostas por práticas, atitudes e ações que são coerentes com a posição de determinados grupos na sociedade e, atrelados a estas FIs, encontram-se frases, enunciados, textos, imagens, sons, gestos etc. que expressam e representam tais práticas *sob forma linguístico-discursiva*. A *formação discursiva* seria, então, o conjunto destes enunciados que representam materialmente as ideias, as práticas e as posições políticas de uma dada *formação ideológica*.

Se as FIs e as FDs estão intrinsecamente relacionadas, pode-se dizer que elas se estabelecem na ordem do discurso. Conforme Orlandi (2020, p. 20), compreende-se o discurso como “efeito de sentido entre locutores”, isto é, as relações de língua(gem) sendo tocadas pela ideologia e pela história, relações de sujeitos, de sentidos por eles construídos, compartilhados, negados, cujos efeitos são múltiplos e variados. A materialidade da língua(gem), assim, funde-se à materialidade da história, operando nas relações sociais. Ao expressar, historicamente, a ideologia, o discurso, pela língua(gem) e por seus elementos significativos complementares (imagem, som, gestos), engendra sentidos para as posições discursivas ocupadas pelos sujeitos que enunciam.

Orlandi (1998, p. 73) é quem também dirá que é inegável o fato de que “a argumentação tem seu lugar na linguagem”, reconhecendo o *status* de que goza a arte de argumentar nos estudos linguísticos. No entanto, a autora parte de uma perspectiva materialista assumida pela Análise do Discurso para falar sobre a argumentação; é por isso que se fala sobre a argumentação articulando à ideologia, aos sujeitos, ao político e à história – isto é, ao discurso.

Por meio do discurso, construímos noções, comunicamo-nos, sustentamos posições e teses – *argumentamos*, mas já a partir do funcionamento do fenômeno da interpelação ideológica que nos constitui enquanto sujeitos. Portanto, esta leitura da argumentação se dá pelo viés da teoria materialista do discurso, que difere em grande parte dos estudos clássicos sobre a arte de argumentar.

É o caso do projeto aristotélico, por exemplo, que vê a argumentação se subdividindo em dois ramos: a dialética, que, grosso modo, verifica-se em uma disputa contraditória que se dá por meio de tópicos assentados em premissas verossímeis, prováveis e discutíveis; e a retórica, que envolve o discurso persuasivo baseado em tais premissas. Argumentar, assim, tornou-se muita vez sinônimo de persuadir, especialmente se o discurso do locutor era projetado com o fito de “interpelar ideologicamente”, por meio da lingua(gem), o auditório (ou seus interlocutores) para seu campo argumentativo, para a defesa de seu ponto de vista. No entanto, ao nos filiar-mos à visão materialista do discurso e da argumentação, assumimos que é preciso considerar o sujeito e as condições de produção de seu discurso, que envolvem a textualização do político tocado pela história e pela ideologia, e a produção dos efeitos de sentidos que tal discurso engendra, não apenas as estratégias linguísticas utilizadas pelo sujeito para persuadir possíveis interlocutores.

Orlandi (1998) considera o sujeito como uma “posição”, isto é, um lugar de significação historicamente constituído. As posições ocupadas pelos sujeitos não são meros lugares físicos, mas, antes, aqueles que estão representados no discurso, lugares que locutores e interlocutores atribuem uns aos outros. São chamados, assim, de *formações imaginárias*, que, por seu turno, designam as condições de produção dos discursos.

Constituídas pelas *formações imaginárias*, as condições de produção de um discurso são atravessadas pelo interdiscurso (ORLANDI, 1998), pela exterioridade discursiva, o “todo complexo com dominante” das formações discursivas, a “objetividade material [...] que reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo

das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 149). É o interdiscurso, portanto, que “propicia ao sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações experimentadas” (ORLANDI, 1998, p. 77). Dessa forma, “a argumentação é vista pelo analista do discurso a partir do processo histórico-discursivo em que as posições dos sujeitos já são constituídas” (*idem*, p. 78), isto é, a exterioridade discursiva *antecipa* para os sujeitos suas próprias posições a serem tomadas na cena argumentativa.

Por entender que as circunstâncias imediatas de dada enunciação já são determinadas por esta exterioridade, Orlandi (1998) considera que o sentido produzido numa argumentação não deve ser considerado como conteúdo reduzido ao seu contexto, uma vez que o sujeito não é a origem, tampouco “o feixe de intenções” dos sentidos; “não há acesso direto ao modo como se constituem os sentidos, não há acesso direto à exterioridade constitutiva (não empírica mas histórica)” (ORLANDI, 1998, p. 76).

Desta maneira, entendendo-se que o sujeito é constituído pelo interdiscurso, a argumentação pode ser analisada pela perspectiva da *antecipação*. No “jogo das formações imaginárias” (a imagem que X, o locutor, faz de si mesmo e a imagem que X faz de Y, seu interlocutor), “cada um ‘sabe’ prever onde seu ouvinte o espera. Esta antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva de cada discurso”, sendo, pois, “sobre o mecanismo da antecipação [que] repousa o funcionamento discursivo da argumentação” (ORLANDI, 1998, p. 76).

No nível da formulação de uma argumentação, ou seja, na atualização de dizeres sob forma de intradiscurso, é preciso considerar que as intenções já foram definidas pelo próprio interdiscurso, que é o nível da constituição dos argumentos de um discurso. Dessa maneira, as posições ocupadas pelo sujeito em seu ato de argumentar “já foram definidas por uma relação desigual e contraditória com o dizer. [...] As filiações ideológicas já estão definidas e o jogo da argumentação não toca as posições dos sujeitos, ao contrário, deriva desse jogo, o significa” (ORLANDI, 1998, p. 78). Os próprios argumentos utilizados pelos sujeitos são, assim, produtos de discursos historicamente constituídos. É por tal motivo que Orlandi (1998) vai situar o discurso e a argumentação como “um observatório do político”, visto que as posições-sujeito regulam os sentidos possíveis de serem produzidos no jogo argumentativo, analisando-se o ato de argumentar a partir da observância da história e da ideologia, que molda o sistema político, econômico e social que organiza os próprios sujeitos que argumentam.

Na contemporaneidade, percebe-se que a argumentação, apesar de já-atravesada-constituída pela exterioridade discursiva, encontra novas formas de circulação, apesar de manter intocada a questão do constituinte interdiscursivo que a sustenta. É o que se verifica, por exemplo, com o gênero discursivo *meme*, muito utilizado hodiernamente para argumentar contra ou a favor de determinados temas. Compreendamos, pois, seu funcionamento e suas principais características.

## 2 O gênero discursivo *meme*

Com o fito de se analisar o *meme* que ressignifica o acontecimento de 10 de agosto de 2021 com os tanques de guerra identificados com o presidente Bolsonaro, algumas características deste gênero discursivo precisam ser elucidadas. Uma delas é a questão de que este é um gênero que traz, como materialidade significativa, a utilização de imagens e textos sobrepostos e/ou entrelaçados no intuito de produzir determinados efeitos. Como observado por Zoppi-Fontana (2018, p. 135), isso ocorre porque a “utilização massiva das redes sociais e dos diversos aplicativos de comunicação afeta constitutivamente as práticas discursivas”, estando os internautas “familiarizados com práticas de textualização que imbricam imagens, som e escrita e que circulam amplamente”. Os *memes* se constituem, assim, como um gênero discursivo próprio do discurso digital<sup>8</sup>, conjugando formas originais que combinam o linguístico e o imagético na textualização do político, mormente com o uso da ludicidade, da ironia e do humor para que seu efeito de sentido seja engendrado.

Zoppi-Fontana (2018) perceberá que o *meme* se sustenta em dois efeitos para que seu funcionamento argumentativo seja eficaz: o *efeito ecoico*, que diz respeito à repetição, à “viralização” de determinado discurso, replicado em série, isto é, ao “eco” que um *meme* reverbera ao ser reproduzido inúmeras vezes; e o *efeito de condensação*, um traço da formulação do *meme* que justapõe textos simples geralmente unitários, com enunciados curtos e elementos audiovisuais simples, prevalecendo o imagético sobre o sonoro. Dessa maneira, “o *meme* associa materialidades significantes diferentes, que se imbricam de diversas maneiras, tendo sempre um elemento que se inscreve como repetição/replicação de um texto anterior” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 147), o que implica dizer que a argumentação veiculada pelo *meme* é necessariamente uma resposta interdiscursiva e intertextual

---

<sup>8</sup> É preciso compreender o gênero discursivo *meme* como parte do discurso digital, cuja noção aqui tomada se baseia em Dias (2018, p. 29), que compreende este discurso relativamente ao momento de sua circulação, uma vez que é “pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o discurso digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção dos sentidos”.

a um discurso a ele exterior, sendo a “replicação ou repetibilidade [...] um traço definidor de seu funcionamento discursivo e de sua existência histórica na rede” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 149).

Há de se considerar que os elementos repetidos por um *meme* vão constituir um *efeito de série* que não é mera repetição de elementos formais (ZOPPI-FONTANA, 2018), mas, antes, trata-se de uma regularização que “necessariamente implica um jogo de forças entre o linguístico e o histórico, entre formas significantes e seu modo de existência histórico” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 149). Assim, o funcionamento discursivo do *meme* se dá “pelo acúmulo e pelo excesso de enunciações, que repetem um elemento formal (imagem, enunciado, som ou uma combinação desses elementos), já tomado e reconhecido em um processo de regularização” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 149). Destarte, o acúmulo de enunciações, ou sua regularização em *memes*, diz respeito à relação constitutiva entre texto, acontecimento e memória discursiva, sendo o *meme* um vestígio de outras enunciações, retomando-as e/ou ressignificando-as, o que Zoppi-Fontana (2018, p. 150) define como “o funcionamento do *meme* enquanto um novo modo de argumentar na rede”, por ela chamado de *argumentar*.

*Argumentar*, portanto, diz respeito ao funcionamento discursivo do *meme* enquanto um gênero que, já constituído pelo interdiscurso e pela memória, retoma enunciações anteriores que ressoarão no texto atual, no nível da formulação intradiscursiva, para que, assim, o *meme* encontre sentido e eficácia argumentativa. Repetir, reformular, parafrasear ou abrir o sentido à polissemia são possibilidades linguístico-discursivas propiciadas pelo *meme* enquanto um gênero discursivo que é atravessado pelo histórico, pelo político e pela ideologia, atualizando-se em suas múltiplas repetibilidades e materialidades significantes. É o que ocorre com o acontecimento de 10 de agosto de 2021, em que os tanques de guerra que sustentam o discurso bélico do presidente viram *memes*, replicados a ponto de produzirem sentidos cujos efeitos se afastam da pompa e da formalidade do que originalmente se propunha na cena enunciativa palaciana.

### **3 Identificação e contraidentificação quanto à discussão de gênero no discurso político**

Neste tópico, passa-se à tentativa de compreender os efeitos de sentidos que se estabelecem numa suposta contraidentificação com o episódio político relatado da encenação de golpe de Estado por via militar. Uma crítica aos acontecimentos do 10 de agosto de 2021 assim surge em um grupo de *WhatsApp*, publicada por L.F., a

partir de um *meme* em que o imagético-discursivo ocupa a centralidade da imagem, em que um tanque de guerra de cor rosa aparece, seguido de uma sequência discursiva em que se lê “Militares assumem, em Brasília”:

**Figura 2** – *Meme* satírico ao desfile de tanques de guerra em Brasília.



L.F.<sup>9</sup> (42 anos) se apresenta como opositor do governo Jair Bolsonaro. Historicamente eleitor do PT, foi criado por mãe solteira e tem irmãos gay e lésbica. Heterossexual, pai de três filhas, opõe-se frontalmente, nas redes sociais e na vida cotidiana, ao discurso político homofóbico, machista e belicista do presidente e de sua militância. No fatídico 10 de agosto de 2021, enquanto o presidente e seus convidados homens assistiam à solenidade militar com os veículos bélicos, L.F. publica a imagem acima em grupos de *WhatsApp* como forma de ironizar os acontecimentos da capital federal.

Zoppi-Fontana (2018, p. 150) observará que uma das características do *meme* é justamente a que L.F. põe em circulação: “A marca mais contundente que identifica os memes como uma modalidade específica de argumentação na rede é seu funcionamento lúdico e o efeito de humor que eles produzem”. Ao desdobrar o acontecimento de 10 de agosto de 2021 de uma maneira satírica, lúdica, o efeito ecoico do *meme* ressignifica o próprio desfile de tanques de guerra que o governo Bolsonaro estava empenhado em demonstrar, produzindo uma incongruência entre o acontecimento oficial e o satirizado, obrigando o interlocutor a fazer uma releitura e uma reinterpretação do evento pela via do humor.

<sup>9</sup> Manteremos a identidade da pessoa que se tomou como evidência empírica de reflexão neste trabalho em anonimato, como um preceito ético. Resta saber que é pessoa próxima e querida deste articulista, aguerrida contra fascismos, mas que também está sujeita a falhas do inconsciente e do que não se controla no discurso.

Entende-se, assim, que o meme trabalha com as características do discurso lúdico, entendido por Orlandi (1996, p. 154) como o que “vaza” em nossa formação social, produzindo uma ruptura da ordem de discurso que estrangula os espaços possíveis para um uso da linguagem não eficiente, não utilitário, orientado só pelo prazer de enunciar. É um tipo discursivo cujos sentidos se abrem à polissemia. Os memes, ao imbricarem imagens e textos verbais, promovem essa abertura de sentidos, como no caso do acima trazido por L.F., que intenta reinterpretar o evento militar em Brasília, ressignificando o papel de gênero masculino tradicional do Exército brasileiro com pessoas que não necessariamente são homens e/ou heteronormativas.

Há o uso, ademais, de elementos outros que escapam à forma e ao conteúdo usualmente utilizados para representar os militares em seu universo predominantemente masculino, como o emprego da paleta de cores de tom rosa e de traços do feminino e do universo *queer* na cena principal. A incongruência do imagético imbricado à sequência discursiva “Militares assumem, em Brasília” produz, assim, a ironia que sustenta o funcionamento do meme em sua ludicidade, ao estabelecer a relação com o discurso bélico-militar, porém o dispersando, desestabilizando-o do senso comum, que o entende como verde-oliva e masculino, como exposto na Figura 1.

Até a realização deste trabalho, a fotografia que compõe o meme acima reproduzido pela Figura 2 não pôde ser definida a contento, com a data e o local de seu registro. No entanto, os dizeres em inglês afixados ao veículo (“TV Repartee” e algo pouco legível, mas que se acredita ser “WWW.TGIRLohmyhormones.com”) sinalizam que o tanque circulou no Reino Unido. Há também o fato de que a BBC de Londres publicou o mesmo tanque rosa, de mesma placa (P1500), em matéria sobre a Parada do Orgulho da cidade realizada em 2005. O blindado foi ali utilizado pela Anistia Internacional de uma maneira também satírica, com o fito de pedir o “alistamento” das pessoas na organização.

Figura 3 – Gay Pride Parade London, 2005.



Fonte: BBC London.

A “TV Repartee” foi uma revista voltada ao público transgênero no Reino Unido, de circulação impressa até 2016, quando teve breve vida digital. Agora, é um site pessoal administrado pela fundadora da revista, uma mulher transgênero chamada Rose. O website que tentamos, sem sucesso, reproduzir acima pode se tratar de um que agora se chama “you and your hormones” (“você e seus hormônios”), voltado a estudos clínicos endocrinológicos. Há uma aba sobre “desordens de identidade de gênero” que apresenta aos leitores, didaticamente, o que são estas desordens. Mais importante índice dessa investigação: este site pertence à Sociedade de Endocrinologia do Reino Unido, o que parece confirmar a procedência da imagem da Figura 2.

Voltemos a ela, portanto: há elementos que a identificam como sido registrada na Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Londres, como nos aponta a Figura 3; e de que, além do fato de que visualmente se identificam pessoas assemelhadas a mulheres trans, a partir do dizer “TV Repartee”, o veículo representado no meme da Figura 2 traz pessoas que compõem a letra “t” da sigla LGBTQIA+. Um fato importante para uma primeira análise visual é que o meme em questão apresenta símbolos de não conformidade à ideia dominante de militarismo masculino. Ademais do tanque rosa, veem-se três ursos de pelúcia nele pendurados e cinco pessoas na parte superior do tanque. Todas vestem camisetas ou vestidos rosa; uma delas se assemelha a uma *drag queen*; e as demais pessoas ou se assemelham a homens gays efeminados ou a mulheres trans ou em transição de gênero. Três delas possuem longos cabelos ou longas perucas. Tudo nessa *performance* parece subverter o papel tradicionalmente atribuído aos militares: as cores, o brinquedo “de menina” (os “ursinhos”), as próprias “meninas” ocupando uma posição superior e ativa. Sentidos em fuga, ou melhor, em movimento: pessoas transexuais estão a ocupar o poder, o papel da força e o da instituição militar.

O que ocorre a partir da transformação dessa imagem em meme para atacar o presidente? E por que não usar a imagem da Figura 3, por exemplo, para o mesmo fim? Qual a importância da sequência discursiva “Militares assumem, em Brasília” na consolidação do sentido intentado? Por que pessoas como L.F., que se identificam como progressistas e se posicionam contrariamente ao ato presidencial e militar, não percebem que, ainda que inconscientemente, debocham de pessoas transexuais e gays efeminados (logo, de mulheres, já que as identidades desses grupos se identificam com o papel de gênero feminino) para atacar a virilidade, a masculinidade e, portanto, o poder do presidente?

É preciso lembrar, primeiramente, que, como já trazido por meio de Pêcheux (2014, p. 149), “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”, ou seja, é “próprio de toda formação discursiva dissimular, pela ilusão da transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso”. A argumentação posta em circulação pelo *meme* para criticar o presidente, seu arroubo militar e sua hipérbole do masculino não escapa à contradição que sustenta e constitui a *formação discursiva*, já constituída pelos enunciados anteriormente ditos que reforçam o poder do homem numa sociedade ainda patriarcal como a brasileira. A crítica e a ironia do *meme* já surgem, portanto, constituídas por discursos que sustentam o patriarcado; concomitantemente, a ironia é uma tentativa de ruptura com este discurso dominante.

Em segundo plano, também recorreremos a Pêcheux (2014) ao analisar as propriedades discursivas da forma-sujeito, do “sujeito do discurso”, sujeito que necessariamente esquece que não é a fonte original do sentido e acredita ser “dono” de seu discurso, quando em verdade ele já é tocado pela ideologia e, portanto, pelo interdiscurso que o constitui, logo, determinando-o. A esse respeito, o autor dirá:

Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que **a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina** (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 2014, p. 150, grifo nosso).

Desta forma, é possível perceber que, ainda que o uso da ironia no *meme* se dê para combater o excesso de masculinidade do discurso bélico presidencial, há ainda a dominância da *formação discursiva* que sustenta o discurso patriarcal no Brasil e que opera a identificação de L.F. com o universo masculino. Isso se dá pela observação de que a ludicidade engendrada pelo *meme* ocorre pela troca que se faz com a subversão dos militares a papéis inusitados de gênero. O *meme* parece produzir uma ridicularização tanto dos militares ditos golpistas, que “assumem, em Brasília”, quanto das pessoas que são consideradas “inadequadas” para assumir as posições de oficiais do Exército, já que são pertencentes a um universo diferente do masculino heterossexual, e que por isso “assumem” sua orientação sexual divergente. O humor que surge como efeito de sentido está circunscrito, pois, ao universo do masculino, da dominância da *formação discursiva* do patriarcado, que entende o gênero de forma binária e cumpridor de papéis sociais específicos.

Em contraposição à Figura 3, o uso da Figura 2 como *meme* funciona mais no ambiente de virulência virtual (GALLEGO *et al*, 2018), já que este, também, é um espaço de sexismo profundo, que permite que apenas determinados dizeres sejam produzidos, conforme à *formação discursiva* machista predominante. É preciso apontar que, nas redes, mulheres têm seus corpos ali escrutinados e que fóruns virtuais conhecidos como “chans” propagam ideologias da extrema direita, mormente contra movimentos feministas, LGBTQIA+ e de direitos humanos. Assim, a extensão do machismo das ruas às redes parece tomar um caminho “natural”.

Também é digno de nota que esta linguagem do discurso digital, particularmente dos *memes*, foi apropriada como prática corriqueira do Presidente da República, tornando-se uma de suas plataformas de comunicação com o público – o que já representa, contemporaneamente, uma aproximação desta prática linguístico-discursiva associada à masculinidade. Este machismo também se reflete no que se considera engraçado: a partir do estranhamento com o que lhe é diferente, é mais “fácil” rir de pessoas socialmente marginalizadas, como ainda o são os indivíduos transexuais, do que de pessoas com características cisgênero, como as que estão presentes na Figura 3. Nesta imagem, há ainda que se considerar a presença da bandeira LGBTQIA+, hoje tornada “mainstream” em peças publicitárias, em produtos culturais diversos, nos programas jornalísticos e mesmo no âmbito jurídico. Pessoas que se identificam como progressistas, inscrevendo-se em posições discursivas que veem o preconceito como algo a ser combatido, como é o caso de nosso personagem L.F., provavelmente teriam dúvida sobre a suposta graça de um *meme* com a flâmula do arco-íris a estampar a imagem, visto que já há um processo de reflexão social mais avançado de que este não é um símbolo que convida ao desrespeito, mas um de resistência e de orgulho das pessoas homossexuais.

Esse entendimento, todavia, não parece ter chegado às mulheres trans<sup>10</sup>, como as que se vê na Figura 2. E isso nos leva a conceber a hipótese de que a identidade de gênero pelas características biológicas exerce muita influência na maneira como os sujeitos se identificam e se relacionam com sentidos cristalizados do que se compreende como homem e como mulher. Fora desta norma, emerge a diferença – ou seja, emergem sentidos socialmente compartilhados sobre o que se

---

<sup>10</sup> É o que se depreende, por exemplo, do depoimento de Flor Furacão, mulher trans e produtora visual do Distrito Federal: “As pessoas estão desacostumadas a ver um corpo trans, a ver uma travesti de dia, na rua, vestida como quem tá indo pro serviço, pro emprego formal... Pra muita gente, é só acordar, ir pro trabalho, chegar, trabalhar e ir pra casa. Pra gente já começa o desgaste naquelas olhadas que a gente tem que ficar recebendo... às vezes comentários que, geralmente, digo que ou é assédio ou é agressão, não fica muito longe disso não [sic]”. Este depoimento pode ser visto a partir de 1 hora e 23 minutos da edição de 7 de setembro de 2022 do “Bom Dia, DF”, da Rede Globo, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10916382/?s=0s>.

deve respeitar e o que potencialmente pode ser alvo do riso e da galhofa. Isto se relaciona com a afirmação de Bucholtz e Hall (2004, p. 372, grifos nossos) de que

Na maioria dos casos, **a diferença implica hierarquia**, e o grupo com maior poder estabelece uma relação vertical em termos que lhes sejam benéficos. Tal “ranking” ideológico permite que **identidades do grupo mais poderoso sejam menos reconhecidas como identidades**; ao revés, **este grupo constitui-se como a norma** a partir da qual todas as demais divergem.

Quanto mais as identidades divergem do modelo tido como padrão, maior a possibilidade de marcar o diferente e invisibilizá-lo. As identidades marcadas também se associam à lingua(gem) marcada, ou seja, às estruturas ou práticas linguísticas diversas daquela estabelecida como a norma. Falar sibilado, usar outras palavras, gírias e expressões, falar “fino” etc. são vistos como marcas de homens gays não conformes à norma da virilidade, por exemplo. Como Bucholtz e Hall (2004, p. 373) elaboram, “aqueles que transgridem a norma em suas práticas sociais e linguísticas geralmente são, por isso mesmo, alvo de ataques, [...] suscetíveis a acusações de inadequação ou inautenticidade”.

Pode-se interpretar a sátira trazida por L.F. pelo fato de que o presidente e os militares são identificados no *meme* com aquilo que desprezam. Assim, o riso estaria não nas pessoas transgênero em si, mas no fato de que este grupo político, abertamente homofóbico e transfóbico, estar identificado por aquilo que rejeita. No entanto, ao se olhar a sequência discursiva “Militares assumem, em Brasília”, que apresenta o dado concreto a ser satirizado (militares que tomariam o Poder Executivo brasileiro) e a imagem que lhe serve de suporte argumentativo (a figura do tanque rosa com pessoas trans), chega-se à conclusão de que a sátira ocorre pela ideia de que os militares no poder são algo a ser rechaçado, por isso alvo de escárnio, mas uma sátira assentada em uma interpretação que também se abre à possibilidade da leitura de transfobia, visto que a própria existência das pessoas trans subvertendo os militares no tanque de guerra promove a ideia de que aquela cena é passível de ser ridicularizada.

São duas leituras, em suma, que refletem a própria natureza contraditória do *meme*: é ele “um objeto paradoxal por excelência, um texto dividido pela incongruência material de sua forma, pela polifonia dos agenciamentos enunciativos e pela contradição das filiações ideológicas que o atravessam” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 154). Contradição que se revela em romper com o discurso dominante do militarismo/machismo, deslocando formas cristalizadas de identidade visual e de gênero (o soldado substituído pelas *drag queens* e pessoas trans; o tanque verde-oliva substituído pelo rosa etc.), e, ao mesmo tempo, trazer

elementos desse discurso, que toma como estranha a posição de pessoas *queer* em instituições como o Exército – e que, por isso mesmo, funciona como humor para o padrão heteronormativo, “diminuindo” a figura tradicional do militar à condição de militante LGBTQIA+.

Ainda a respeito da Figura 2, observa-se o intradiscursos, o estrato linguístico sintagmaticamente linearizado que encaixa-aporta elementos da memória discursiva, do interdiscursos, onde os já-ditos foram pronunciados. Em “Militares assumem, em Brasília”, há uma memória do dizer que aí se atualiza: fala-se dos militares da ditadura, que assumiram Brasília e o Brasil em 1964, e que agora ensaiam um retorno. Mas há também a memória do dizer de “assumir” como no sentido de “assumir-se gay”, de “sair do armário”, de dizer publicamente sua orientação sexual numa sociedade que a rejeita. Além da chacota com as características normalmente associadas ao universo feminino – a cor rosa, os longos cabelos, os brinquedos –, tem-se ainda a zombaria com as pessoas trans que se apropriam dessas características para formar suas identidades e o apagamento das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, *queer* e assexuais, que normalmente precisam ter a coragem de assumir sua identidade ante uma sociedade que põe como norma apenas a heterossexualidade. “Assumir”, desta forma, traça um paralelo entre militares e estas pessoas, minimizando e apagando o processo de conquista de suas identidades; trata “assumir-se [gay]” e “assumir [Brasília/o poder]” como equivalentes, como se assumir o país por meio de um golpe militar fosse tão inadequado e ilegítimo como assumir-se fora da norma sexual.

Courtine (2016) entende que as *formações discursivas* possuem fronteiras instáveis e, pelo fenômeno da interpelação ideológica e, conseqüentemente, na tomada de posições, tais margens tornam-se porosas, colidem, seus conteúdos se deslocam, interpenetram-se. Uma mesma palavra, como “assumir”, materializada a partir de uma *formação discursiva* classificada como “progressista”, elabora sentidos muito distintos daqueles oriundos de uma FD “machista”: numa, é ato de resistência; noutra, de sentido jocoso. Destarte, parece-nos possível dizer que algo escapa da FD dominante em L.F. – a “progressista” –, e elementos de saber da FD “machista”, que é a dominante nos discursos socialmente compartilhados e, principalmente, no discurso político atual, lhe interpela. Isso deve acontecer porque sua identificação de gênero inscreve-se, também, na mesma do presidente que ataca. Sua prática, ainda que inconsciente, assemelha-se de alguma forma à do criticado.

O sujeito da materialidade discursiva analisada expressa o paradoxo que o domina no lugar em que foi colocado e no qual se *contraidentifica*: é progressista, mas pontualmente deixa de sê-lo, ainda que inconscientemente, porque também se identifica com um elemento de saber da *formação discursiva* dominante da sociedade patriarcal. Já que a *formação discursiva* se comunica com outras e permite, destarte, que um sujeito se inscreva em diferentes posições, L.F. parece se deslocar da posição de *homem progressista* para a de *este tipo de homem*, aquele descrito no início desta exposição: um indivíduo rude, que, bastando-lhe ser *homem*, pode promover o humor pela ridicularização de gênero/orientação sexual. Devemos considerar, pois, que há no enunciado uma *discrepância*, no sentido concebido por Pêcheux (2014)<sup>11</sup>, entre o que é dito antes e o que se reproduz discursivamente pelo *meme*. Tal discrepância remete ao *pré-construído*, conforme descreve Pêcheux (2014, p. 171), “aquilo que todo mundo sabe’, isto é, aos conteúdos de pensamento do ‘sujeito universal’ suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma ‘situação’ dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do ‘contexto situacional’”.

Percebe-se, assim, que L.F. é interpelado por diferentes ideologias, materializadas por diferentes FDs: uma *formação discursiva* que contém diversas materialidades linguístico-discursivas e elementos de saber próprios (“ele não”, “machista”, “fascista”, “genocida” etc.) a lhe interpelar para assumir uma posição contrária ao discurso político presidencial; e outra, a lhe interpelar a manter os sentidos de “homem” intactos (“militares assumem, em Brasília”). Ainda que não aparente ser uma *formação discursiva* em que se L.F. se inscreve, a FD “machista” parece ser a dominante no complexo de formações ideológicas que lhe interpela e demonstra reger o efeito de sentido que associa o militarismo à virilidade e à heteronormatividade, resgatando, portanto, o estatuto do acontecimento de 10 de agosto de 2021; outra FD, a ela antagônica, rompe com o senso comum que normalmente vincula os militares à masculinidade, relacionando-os ao universo LGBTQIA+ e ao papel de gênero sendo subvertido.

O discurso, em sua contradição constitutiva, reflete o caráter paradoxal de uma sociedade assentada em conflitos, em binarismos, em dualidades que sustentam, em última instância, uma permanente luta de classes, que também se reproduzem nas relações de poder que se engendram nos sentidos disputados para o entendimento de gênero na sociedade. O *meme* analisado aparece, assim, como contraditório, repelindo o discurso machista, mas surgido a partir de um machismo

---

<sup>11</sup> “Separação, distância ou discrepância na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase [...]”. (PECHEUX, 2014, p. 99).

que o estrutura interdiscursivamente, e que permite uma leitura transfóbica, visto que se abre à polissemia de que militares (o alvo inicial da crítica) devem ser ridicularizados tanto quanto pessoas *queer* em posições de poder militar (um possível objeto de escárnio secundário).

Vê-se que é próprio do *meme* essa característica dual de abranger diferentes discursos. Como nos diz Zoppi-Fontana (2018, p. 154), “não há substituição de um discurso pelo outro, mas sobreposição, releitura e reinterpretação no imbricamento de materialidades significantes e na contradição de posições-sujeitos no interdiscurso”. É na identificação e na contraidentificação com o discurso político dominante, pois, que se percebe a ironia e o paradoxal como traços definidores do funcionamento do *meme*.

### Considerações finais

Através da exposição aqui articulada, percebe-se um entrelaçamento entre o uso linguístico para argumentar e contra-argumentar e os sentidos que, para além do aspecto textual, vão engendrando novos dizeres, produzindo efeitos, alguns dos quais inconscientes, que estão na memória do dizer; outros, apesar de aparentemente refratar um dizer dominante, parece o refletir, se analisado mais minuciosamente. Desta forma, percebe-se que argumentar contra um discurso dominante, especialmente na linguagem imediata proporcionada pela internet, pode ser o fruto da própria dominação daquilo que se pretende refutar.

A partir de uma análise discursiva, verificou-se um processo de *identificação* e *contraidentificação* nos choques entre as *formações discursivas* que constituem os dizeres de alguém que se posiciona politicamente, ora se inscrevendo contrariamente à FD dominante na representação política institucional, ora se filiando à posição hegemônica de gênero representada pelo presidente na sua (aparente) crítica. A ridicularização propagada em forma de *meme* parte de um lugar contraposto ao do discurso dominante, mas também de uma posição enunciativo-discursiva que se alinha à do mandatário: a posição de homem heterossexual a subjugar identidades não normativas, especialmente as femininas e as transexuais.

É mister, assim, que análises como a que se intentou aqui se debrucem sobre processos argumentativo-discursivos que circulam na internet. Afinal de contas, há de se reconhecer que esta prática comunicativa é uma das mais importantes searas que envolvem os dilemas hodiernos. Uma vez orientados não apenas sobre a forma, mas especialmente sobre o conteúdo do que veiculamos com a língua(gem) e todo o aparato que a envolve, espera-se que se diminua o preconceito, seja ele

institucionalmente engendrado e consciencioso, como no caso do presidente e seu governo, seja no caso de seus críticos, que, devido aos sentidos cristalizados de gênero na própria língua(gem), podem acabar por, sem o saber, reforçar o conteúdo da *formação discursiva* preconceituosa do grupo que (ainda) assumiu Brasília.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 105-142.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. **O avesso do discurso**: análise de práticas discursivas no campo do trabalho. Maceió: EDUFAL, 2007.
- BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Language and identity. In: DURANTI, Alessandro. **A Companion to Linguistic Anthropology**. London: Blackwell, 2004. p. 369-394.
- COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, 2016.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GUINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- GALLEGO, Esther Solano et al. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LAGAZZI, Suzy. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL**, 23, Goiânia, 2008. Disponível em: <http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Tipologia do discurso e regras convencionais. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Argu(meme)ntando: argumentação, discurso digital e modos de dizer. In: PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Discurso e argumentação**: fotografias interdisciplinares - v. 1. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 135-157.